

cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização

Carlos Fortuna

Nº 21

Julho, 2018

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

| | |
|--|----|
| Nota de abertura | 3 |
| <i>Carlos Fortuna</i> | |
| As casas em dois sentidos | 4 |
| <i>Madalena Duarte</i> | |
| Violência dentro das casas | 8 |
| <i>Sílvia Portugal</i> | |
| O cuidado em casa e o cuidado da casa | 16 |
| <i>Carolina Anselmo</i> | |
| Mudar de casa | 19 |
| <i>Bruno Franco Alves</i> | |
| Conexões Público-Privado | 24 |
| <i>Violeta Rodríguez</i> | |
| Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México | 28 |
| <i>Rómulo Oliveira</i> | |
| Janela de classe e o olhar no olho da casa | 33 |
| <i>Adelino Gonçalves</i> | |
| O(s) lado(s) de fora da casa | 43 |
| <i>José Manuel Mendes</i> | |
| Os “sem-casa”... e depois? | 46 |
| <i>Graça Índias Cordeiro</i> | |
| A rua e a casa, que relação? | 49 |
| <i>Paulo Peixoto</i> | |
| A casa despida | 53 |

Nota de abertura

É uma enorme satisfação abrir este dia de reflexão sociológica, cruzada com outras visões ou orientações, sobre “As casas vistas por dentro e por fora”. Inserida na 20ª Semana Cultural de Universidade de Coimbra, esta primeira sessão como as duas seguintes vão dar-nos suficiente matéria para equacionar as diversíssimas variantes em que a “casa” se revela enquanto oikosesfera – espaço de interação social interna –, mas também como feixe de relações exodomésticas ou espaço arquitetónico com modulações várias.

Se a isto juntarmos escalas históricas e geográficas diversas, as “casas” de que vamos falar durante todo o dia revelar-se-ão autênticos factos sociais globais ao estilo que Marcel Mauss glosou para sugerir como o ínfimo pode conter o mundo. Tudo isto nos diz respeito neste dia de discussão. Por isso, não surpreenderá que nas intervenções de hoje perpassa uma aproximação à familiar “casa portuguesa, com certeza”, mas também a outras “casas” inesperadas e impensadas, onde só é possível entrar em pensamento.

Começaremos com uma reflexão sobre o que passa “dentro” de casa. Sim, a violência doméstica de todos os dias, mas também o cuidar da casa e de outros dentro dela. Passaremos, de seguida, a discutir o compromisso ambíguo da casa com os seus “dentros” e os seus “foras”. Os seus desfechos são indeterminados, ao ponto de tornar legítimo perguntar se se pode sair para dentro das casas ou entrar para fora delas? Terminaremos com uma discussão acerca da casa vista de “fora” e como ela se pode, sem paredes nem fronteiras, transfigurar no seu próprio exterior intruso.

Caros e caras colegas, cumprimento-vos com alegria. Do mesmo modo que cumprimento a Vice-Reitoria para a Cultura da UC, a FEUC e o CES que apadrinham este dia de abordagem sociocultural das casas. A eles junto a menção habitual ao Doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas que é o grande abrigo onde nos reunimos hoje.

Carlos Fortuna

O(s) lado(s) de fora das casas

Adelino Gonçalves, Centro de Estudos Sociais e Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
santos.goncalves@gmail.com

As casas existem sem as cidades. Aliás, são imensas as casas que existem por si só, sem urbanidade ao seu redor, além dos caminhos que servem o seu acesso e os trilhos das paisagens em que se inscrevem. Destas casas isoladas, algumas agarram-se tão intensamente a estas paisagens que o(s) seu(s) lado(s) de dentro e o(s) seu(s) lado(s) de fora se tornam indissociáveis e assim sintetizam uma relação com o mundo, construída a partir de um lugar.

Por sua vez, as cidades não existem sem as casas. Todas as atividades que fazem vibrar a vida urbana dependem delas. É dentro das casas ou nos espaços urbanos que elas conformam – no(s) seu(s) lado(s) de fora – que toda a vida urbana se desenrola. Ora precisamente porque as casas são o suporte da vida urbana, mudam no tempo. Transformam-se e inovam-se para servir melhor aquelas atividades acompanhando a sua evolução, pois perecem se não mudarem. Por isso é que a mudança está inscrita no ADN das cidades e faz com que estas sejam um processo. Que não tenham um começo, nem tenham um final, mas sejam tão só um processo. Um processo de transformações que tem lugar nos espaços social, económico e cultural e se interliga com as mudanças no espaço físico, com velocidades, ritmos e dimensões variáveis.

Destas mudanças, as mais evidentes e quiçá as menos cerebrais – porque facilmente comensuráveis – são as que acontecem no espaço físico e se traduzem no seu crescimento ou na sua renovação, ou seja, na construção de casas novas, de raiz ou em substituição de casas demolidas. Barcelona de Cerdá e Paris de Haussmann (ainda) são apoteoses históricas destes dois tipos de contributos para a mudança do espaço físico das cidades que se podem medir e registar objetivamente.

Mas há outras mudanças no espaço físico com expressões diferentes e temporalidades próprias que não são registadas como estas ou que parece que não importa registar. Umas são subtis, outras nem tanto, mas todas elas são entendidas ou aceites como “mudanças naturais”. Todas elas transformam o espaço físico, mas o resultado das mudanças que provocam não é questionado. Não intriga, nem estimula.

O envelhecimento dos materiais que revestem as casas ou a alteração das suas tonalidades devida às águas da chuva, por exemplo, são mudanças subtis encaradas com naturalidade porque se processam num tempo longo, no primeiro caso, ou apenas porque têm lugar de uma forma ocasional e temporária, no segundo. Por sua vez, as necessidades de aumento do espaço doméstico ou de trabalho, assim como o cuidado por recuperar os materiais envelhecidos ou degradados que revestem as casas, muitas vezes levam a mudanças que não são subtis e até podem perturbar o equilíbrio dos espaços urbanos que ajudaram a construir.

Porém, dentro de certos limites, nem estas mudanças causam intriga.

Por tudo isto, cabe perguntar como é que a cidade lida com a sua mudança? Porque é que a mudança do(s) lado(s) de fora das casas não é sempre razão para uma intriga? Porque é que a perturbação do equilíbrio de um espaço urbano não motiva reações? Porque é que a construção desse equilíbrio não é motivo para uma aspiração permanente para orientar o processo da cidade?

Apenas “porque sim”?

Como decorre do poema de Ruy Belo (1998: 41) que deu o mote à semana cultural da Universidade de Coimbra em 2018, o espaço físico da cidade não existiria sem (a arquitetura d)as casas: sem casas não haveria ruas, as ruas onde passamos uns pelos outros, mas passamos principalmente por nós. Ou seja, sem as casas, não haveria espaço(s) público(s) e, extrapolando, sem o(s) lado(s) de dentro das casas, não existiria(m) o(s) lado(s) de fora. Sem o íntimo, não haveria o partilhado e sem o privado, não haveria o público.

Dever-se-á então a esta indissociabilidade, o silêncio sobre as “mudanças não comensuráveis” ou as “mudanças naturais” no processo das cidades? Como se este processo fosse uma “máquina impossível”, como a de Man Ray (1920), ou uma “máquina desejante” de Deleuze e Guatari (1996)? Como se o processo da cidade fosse “maquínico”, simultaneamente determinando e sendo determinado sem que se saiba, ou se tenha mesmo que saber, que elemento ou que peça da máquina se deve controlar para que o equilíbrio do espaço físico da cidade seja uma aspiração permanente?

Mesmo não funcionando, a imagem da “máquina impossível” de Man Ray ou a “máquina desejante” de Deleuze e Guatari, não deixam de ser máquinas. Do mesmo modo, os espaços urbanos continuam a ter nomes substantivos, mesmo que alguns dos seus elementos perturbem o seu equilíbrio ou a sua identidade formal, ou seja, mesmo que alguma(s) das suas casas tenha(m) lados de fora que perturbem a coerência do conjunto. Mesmo sem equilíbrio, as ruas são ruas, ou as praças são praças.

De certa maneira, deve ser isto que explica que algumas mudanças no espaço físico das cidades não causem intriga ou não provoquem reações, pois mesmo sem equilíbrio, a substância dos espaços urbanos faz-se presente.

Mas porque é que a substância é suficiente, quando a cidade, sendo um processo, pode oferecer equilíbrio e identidade formal aos seus espaços urbanos?

Além dos exemplos referidos de silêncio sobre algumas mudanças que têm lugar nos espaços urbanos, qual é a intriga criada pelo entaipamento de vãos das casas, sabendo que isso significa que o(s) lado(s) de fora das casas deixam de ser animados por elas? De igual modo, qual é a reação suscitada pela mudança que a instalação de publicidade a produtos ou casas comerciais provoca no(s) lado(s) de fora das casas? A publicidade é uma “imposição” de um tipo específico de interesses privados, sobre os espaços comuns ou partilhados. Qual é a escala admissível para o privado se impor ao público no processo da cidade? Qual é a reação à perda de qualidade ou de conforto visual dos espaços urbanos que resulta deste tipo de mudanças? Quem é que reage e como é que reage?



Figura 1 - Estádio Cidade de Coimbra, Rua Dom João III.

Fonte: Adelino Gonçalves, 2018.



Figura 2 - Estrada da Beira, Coimbra.

Fonte: Adelino Gonçalves, 2017.

Em suma, qual é o incómodo que causa a falta de equilíbrio ou de identidade formal dos espaços urbanos, ou seja, dos espaços conformados pelo(s) lado(s) de fora das casas? Estes espaços têm um léxico que não depende dos significantes da “língua comum” que existe para os “contentores” das casas. As paredes, os telhados, as portas ou as janelas, fazem parte do léxico da arquitetura das casas, um léxico variado, mas fechado, que é partilhado com “sotaques” diferentes em função das geografias. Mas os significantes do léxico dos espaços urbanos – rua, praça, avenida, travessa, largo... – são muito diferentes. São relacionais. Não dependem individualmente dos significantes da arquitetura das casas, mas sim das relações entre todos eles, ou seja, dependem do processo com que são construídos ou reconstruídos.

Por tudo isto, o silêncio sobre certas mudanças no espaço físico nas cidades, é sinónimo de uma (certa) cultura urbana: silenciosa. Uma cultura arriscada, pois não interliga as mudanças nos demais espaços social, cultural e económico. Uma cultura arriscada porque sem mudança, não há cidade e sem projeto a mudança não é uma construção, é simples alteridade.

Referências bibliográficas

Belo, Rui (1998), “Oh as casas as casas as casas”. *Obra Poética de Ruy Belo*. Lisboa: Ed. Presença, 40-41.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (1996), *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

